



Píndaro antes de Alexandria: a conexão aristotélica

Pindar before Alexandria: the Aristotelian connection

Robert de Brose¹

<http://orcid.org/0000-0001-8591-4861>
robert.de.brose@ufc.br

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v10i1.49218>

RESUMO: Neste artigo, pretendo explorar um cenário admitidamente hipotético, porém bastante plausível, que envolve a participação de Aristóteles, através de seu trabalho filológico muito bem documentado nas fontes antigas, com autores da Antiguidade, na edição e posterior transmissão das obras de Píndaro para Alexandria. Baseando-me nas evidências disponíveis, acredito que seja possível argumentar que o filósofo, ajudado pela sua enorme coleção de livros, estava em uma boa posição para ter coletado, editado e produzido uma edição padrão das canções de Píndaro que puderam, após a sua morte e a dispersão de seu espólio, chegar às mãos dos bibliotecários em Alexandria. Em face de uma quase completa ausência de testemunhos acerca dos primeiros estágios de transmissão e fixação da obra de Píndaro, acredito que valha a pena tentar revisar as evidências que nos permitiriam reconstruir um cenário no qual Píndaro é primeiro editado em Atenas e, apenas mais tarde, chega em Alexandria, sobretudo porque uma tradição semelhante já foi proposta para os épicos homéricos.

PALAVRAS CHAVE: Píndaro; Aristóteles; epinícios; Transmissão textual; Biblioteca de Alexandria

ABSTRACT: In this paper, I intend to explore an admittedly hypothetical but quite plausible scenario involving Aristotle's participation, through his well-documented philological work in the ancient sources with authors of antiquity, in the editing and subsequent transmission of the works of Pindar to Alexandria. Based on the available evidence, I believe it is possible to argue that the philosopher, aided by his enormous collection of books, was in a good position to have collected, edited, and produced a standard edition of the songs of Pindar which were able, after his death and the dispersal of his estate, to reach the hands of the librarians in Alexandria. In view of an almost complete absence of evidence about the early stages of transmission and entextualization of Pindar's work, I believe it is worthwhile to try and review the evidence that would allow us to reconstruct a scenario in which Pindar is first edited in Athens and only later arrives in Alexandria, especially since a similar tradition has already been proposed for the Homeric epics.

KEYWORDS: Pindar; Aristotle; epinikia; Textual tradition; Alexandrian library

¹ Doutor em Letras Clássicas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Professor Adjunto de Letras Clássicas e Tradução da Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Estrangeiras e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POET), Campus de Fortaleza, Brasil.



Para Christian Werner

Introdução

Saber como os epinícios de Píndaro fizeram a transição do texto oral para o escrito, em que momento e por quais meios eles foram coligidos para que pudessem ser recebidos pela crítica alexandrina, é uma questão que não admite uma resposta definitiva ou única.² Apesar disso, é possível entrevermos cenários mais ou menos prováveis, o que já foi feito por diversos pesquisadores anteriormente.³ Neste artigo, portanto, pretendo apresentar um desses cenários possíveis que leva em conta a coleção de poesia da biblioteca de Aristóteles e o que sabemos acerca do destino de seu espólio após a sua morte. O objetivo principal desse trabalho não é apresentar esse cenário como o mais provável, ou tentar convencer o leitor de que as coisas assim se deram, mas apenas explorar uma possibilidade que, considerados todos os fatos que irei apresentar, mostra-se bastante plausível. Nesse sentido, o artigo pode ser visto como uma “especulação” educada acerca da viabilidade de uma determinada hipótese e suas consequências, caso ela se revele coerente. O primeiro passo do método científico, afinal de contas, é criar cenários em que algo poderia ou não poderia ter acontecido. Isto é o que tento fazer aqui e, portanto, o artigo é científico nesse sentido.

De fato, “especular”, como uma rápida consulta ao dicionário nos dirá, é tentar achar um caminho, ou — se preferirmos uma definição mais próxima da etimologia da palavra — é, também, espionar, *i.e.*, tentar ter uma visão, ainda que parcial, daquilo que se oculta da nossa vista. Obviamente, “especular” adquiriu também um outro sentido no vernáculo, que é o de “imaginar”, “achar”, “fantasiar” e, nessa acepção, sua aplicação também não é estranha à filologia de todas as épocas; embora mesmo nesse uso, mais propenso à crítica, ela tenha uma aplicação legítima no estabelecimento de qualquer teoria, desde que empregada com absoluta transparência⁴ e que o devido cuidado seja tomado.

² *Cf.*, por exemplo, a opinião muito citada (frequentemente de forma pouco crítica) de Irigoien 1952, p. 5, que, apesar de já sentir a passagem do tempo, ainda permanece uma obra indispensável para se tomar conhecimento da *Textgeschichte* pindárica. Para um resumo bem próximo desse original, em português, *cf.* Araújo (2005).

³ Para a transmissão literária, o texto ainda mais importante é aquele de Irigoien (1952). Para a possibilidade de que muitos dos poemas de Píndaro tenham sobrevivido em arquivos familiares, *v.* N. J. Richardson em Montanari (1994). Para uma visão mais geral, S. Barbantani em Budelmann (2009).

⁴ Nesse sentido, a franqueza de Herington 1985, p. 4, ademais rara, é salutar.

A pergunta que se impõe imediatamente a essas ponderações é a de se saber como seria possível separar um tipo de especulação do outro. Como, em outras palavras, poderíamos nos assegurar em obter o melhor ponto de observação a partir do qual nossa visão fosse a mais fidedigna possível? Uma metodologia que me parece, a princípio, minimamente coerente consiste em organizar todo tipo de especulação acerca da transmissão dos epinícios pindáricos através da ordenação das probabilidades inerentes a cada cenário, de modo a se obter um espectro que vá dos menos aos mais prováveis, testando os igualmente plausíveis contra as evidências de que dispomos. Isso, combinado com a aplicação do princípio da economia das hipóteses, poderá nos fornecer um caminho mais ou menos seguro a trilhar. Seja como for, essa ordenação do material bruto, representado por séculos de tradição filológica, já seria um progresso em si mesmo, por reduzir em muito as abordagens com que precisaríamos lidar. Uma consequência implicada por essa metodologia mínima seria a de nos deixar mais à vontade, então, para substituir o termo “especulação” pela denominação, menos estigmatizada, de “hipótese”. Esse pequeno passo não nos exime, contudo, de considerar um elenco de cenários possíveis e, ao invés de nos autorizar a escolher apenas um deles, nos permite tão somente trazer aquele a que associamos uma maior probabilidade para o primeiro plano, sem, evidentemente, descartar os outros.⁵

O que eu proponho, então, no que se segue, é que dediquemos um pouco de nossa atenção para investigar um cenário possível de transmissão e fixação do corpus pindárico num período anterior ao trabalho editorial dos bibliotecários de Alexandria, onde cópias devem ter chegado por volta de 295–85⁶, a fim de entretermos a possibilidade de que uma coleção dos textos de Píndaro, bem como de outros poetas, pudesse ter sido reunida algum tempo antes da fundação daquela Biblioteca⁷, e que seria a esta coleção que remeteria a maioria dos exemplares das odes de que os bibliotecários dispunham.

Obviamente, isso apenas transfere o problema de saber como e quando os poemas foram fixados e reunidos a um período anterior, sem, contudo, resolvê-lo. Entretanto — à parte de o problema ser, de fato, insolúvel —, se pudermos supor que os poemas poderiam ter sido recolhidos e editados *antes* de Alexandria e *ainda* na Grécia, onde uma *collatio* das fontes poderia ter sido levada a cabo com mais eficiência e, sobretudo, se pudermos ancorar essa reunião e “protoedição” dos poemas a uma figura com competência e autoridade para tanto, então poderemos avaliar melhor a qualidade do texto com o qual estamos lidando, o que teria implicações importantes para a sua crítica textual. Portanto, o cenário que tentarei reconstruir a partir daqui coloca Aristóteles e a sua imensa coleção de livros como ponto focal a partir do qual as odes poderiam ter chegado ao Egito.

⁵ Cf. Most 1985, p. 47–8.

⁶ Todas as datas, a menos que indicado em contrário, são AEC (antes da Era Comum).

⁷ A partir daqui, sempre que eu me referir à Biblioteca de Alexandria, fá-lo-ei por meio do uso do termo “Biblioteca” apenas.

1. Aristóteles: crítico e editor

É à tradição filológica e editorial cultivada pelos bibliotecários do Museu em Alexandria que devemos todo nosso conhecimento da obra pindárica, que nos foi legada por meio de uma transmissão tão complicada que, não fosse pela própria materialidade de sua existência, seria difícil de se ter por crível. *Nihil ex nihilo fit*, porém, e para que esses textos tivessem chegado em Alexandria, seria preciso postular uma cultura e um comércio livreiros mais ou menos sofisticados já por volta do final da primeira metade do séc. V, bem como a existência de coleções, bibliotecas, editores, revisores etc. — o que é visto como problemático por muitos especialistas.⁸

Não obstante, ao traçarmos a transmissão de Píndaro na Antiguidade vemos que todos os indícios apontam para o fato de que os bibliotecários, em Alexandria, deveriam ter tido acesso a uma coleção de obras do poeta que lá chegaram por terem sido adquiridas de alguma maneira, já que não é plausível supor que os próprios bibliotecários (ou mesmo pessoas empregadas por eles) pudessem rodar o mundo grego em busca de odes espalhadas em templos, arquivos de família, gravados em cidades, ou apenas na memória de alguns. Não há, além disso, nenhuma evidência de que a Biblioteca adquirisse seu acervo por tais métodos.

Segundo uma passagem importante de Estrabão⁹, Aristóteles teria sido o primeiro a reunir (συναγαγών) um acervo de livros¹⁰ e, mais importante ainda, teria sido ele que ensinara (διδάξας) aos reis do Egito a sistemática de organização de uma biblioteca (βιβλιοθήκης σύνταξιν), donde algumas inferências importantes podem ser feitas.

A primeira é a de que o tamanho da coleção de Aristóteles deve ter sido significativo para que ele tivesse necessidade de lhe desenvolver um sistema de catalogação e/ou organização (σύνταξις). A outra é que esse sistema deve ter sido não só bastante eficiente mas também famoso, a ponto de ser requisitado pelos reis egípcios, que, infelizmente, não são nomeados, mas que só podem ser os Ptolomeus, já que, até então, o Egito estava sob o comando dos persas, o que teria inviabilizado relações amigáveis com o ex-tutor do rei macedônio.

⁸ Segundo Hubbard, 2004, e Pfeiffer, 1976, p.17 *et seq.* durante os séculos V e IV AEC, a produção de livros e o comércio livreiro ainda estavam em uma fase bastante incipiente. *Contra*, Knox, 1989, p. 4 *et seq.*

⁹ Estrabão, 13.1.54.5-9: “ὁ γοῦν Ἀριστοτέλης (...) πρῶτος ὧν ἴσμεν συναγαγὼν βιβλία καὶ διδάξας τοὺς ἐν Αἰγύπτῳ βασιλέας βιβλιοθήκης σύνταξιν”. A menos que seja indicado em contrário, os textos de todas as citações dos autores antigos foram retirados das edições utilizadas pelo TLG, *Thesaurus Linguae Graecae®* Digital Library. Ed. Maria C. Pantelia. University of California, Irvine.

¹⁰ Presumivelmente *entre os gregos* e, mais importante, de maneira *sistemática*, já que outros antes dele foram famosos por possuir coleções também não desprezíveis, como, por exemplo, Eurípides. *Cf.* adiante a discussão sobre a passagem dos *Sábios ao Jantar*.

É improvável, no entanto, que Estrabão pudesse usar o termo βασιλεύς para se referir aos sátrapas deixados por Alexandre após sua conquista do Egito em 332, aí incluído Ptolomeu I, que deteve esse posto até 305. Se a isso somarmos o fato de que Aristóteles morre em 322, apenas um ano depois de seu discípulo, torna-se ainda mais difícil entender o que Estrabão pode ter querido dizer com a frase “διδάξας τοὺς ἐν Αἰγύπτῳ βασιλέας βιβλιοθήκης σύνταξιν” (“tendo ensinado aos reis do Egito a organização de uma biblioteca”). O mais seguro é admitirmos que ele deve estar reproduzindo, de uma maneira descuidada, uma tradição, possivelmente ainda vigente em seu tempo, que ligava a criação da Biblioteca a Aristóteles, o que não seria algo absurdo, como veremos.

De fato, se a filologia nasce face à necessidade de se vencer as dificuldades (ἀπορήματα) apresentadas pelos poemas homéricos, nesse sentido ao menos, ela antecede em muito aos gramáticos alexandrinos, já que o primeiro crítico de Homero de que temos conhecimento surge por volta da primeira metade do séc. VI, um certo Xenófanes de Cólofão, que se rebelara contra a impiedade com que os deuses eram descritos nos poemas. A reação vem uma geração depois, na figura de Teágenes de Régio, que propõe uma interpretação alegórica às passagens mais ofensivas, de um modo que deve ter sido peculiar a muitos rapsodos, se tomarmos o *Íon*, de Platão, como paradigmático, como parecer ser o caso. Mais tarde, com o advento dos sofistas, as discussões sobre os problemas homéricos (uma atividade conhecida como ζητήματα προβάλλειν) tornam-se um dos passatempos preferidos dos filósofos e dos cidadãos eruditos em todas as cidades gregas.¹¹ Como ressalta Blum¹², apesar da ausência de rigor metodológico nessas discussões e de seu caráter por vezes pueril, elas não deixavam de ser indagações legítimas às dificuldades apresentadas pelo texto de Homero e, obrigatoriamente, engendravam tentativas de respostas e (re)interpretações que se traduziam em um diálogo com o poeta e com seus leitores, algo que, dogmatismos à parte, é de um caráter eminentemente filológico.

Com uma maior difusão da escrita, sobretudo a partir do séc. IV, foi possível que se produzisse cada vez mais cópias de textos do cânone de poetas gregos, sobretudo para uso escolar, o que facilitou a comparação entre diferentes versões desses autores, mas também criou um novo problema: a necessidade de se lidar com as variantes e de se separar o espúrio do legítimo. Que a qualidade das cópias deveria variar significativamente é atestado não somente pelas diferentes leituras preservadas ainda hoje em papiros supérstites, quando comparadas, por exemplo, com nosso texto da *Iliada* ou da *Odisseia*, mas também pela linguagem técnica usual nos escólios, que deixa transparecer uma classificação dos diferentes manuscritos segundo seus variáveis graus de qualidade: haveria cópias mais “comuns” (κοιναί, -ότεραι) e “de luxo” (χαριέστεραι, -ταται). Por outro lado, o número de versões também deveria ser considerável, o que é sugerido pelas diferentes designações

¹¹ Pfeiffer, 1976, p. 28 *et seq.*

¹² Blum, 2011, p. 14.

aplicadas aos textos, que eram agrupados de acordo com o seu “editor” (κατ’ἄνδρα) ou com seu local (mas não necessariamente “edição”) de origem (κατὰ πόλεις). Poderíamos supor com algum grau de probabilidade, à luz da notícia de Estrabão citada acima, que esse sistema tivesse sido herdado da biblioteconomia aristotélica.

A quantidade imensa de textos que chegaram a Alexandria ao longo de seus primeiros anos testemunha, por seu turno, uma atividade filológica considerável e constante desde, pelo menos, o início do período clássico. É preciso lembrar, afinal de contas, que Alexandria não se tornou uma grande biblioteca da noite para o dia, mas que se insere dentro do processo de valorização da cultura e dos valores helênicos que emergiu após a divisão do império de Alexandre pelos seus diádocos. Assim, seja na Macedônia, sob o reinado de Antígono II “Gônatas”, seja no Império Selêucida, a partir de Antíoco II, ou ainda, mais tarde, em Pérgamo, após a vitória de Átalo I “Sóter” sobre os gauleses, o processo de helenização dessas populações passava, necessariamente, pela absorção da cultura grega clássica. Isto, por sua vez, gerava uma demanda cada vez maior por cópias dos autores gregos clássicos.

Dessa forma, uma dinâmica de compra, troca, empréstimos (e, em alguns casos, até mesmo roubo¹³) de livros deve ter se estabelecido em todo o mundo mediterrâneo, o que, em última instância, significou um afluxo convergente de fontes dos mais diferentes cantos do mundo grego em Alexandria¹⁴, que nessa época já era um importante entreposto comercial e, portanto, estava na rota do comércio livreiro do Mediterrâneo. Na verdade, sabemos, por meio de Galeno¹⁵, que muitos livros da Biblioteca chegaram trazidos por navios que lá aportavam e que, uma vez adquiridos, eram depositados na seção chamada “Τῶν Ἐκπλοίων”, isto é, “dos navios”.

É claro que a qualidade dessa produção pré-alexandrina não era nem uniforme, nem comparável ao nível de excelência que se atingiria no Egito, sobretudo porque os predecessores dos alexandrinos, salvo raras exceções, não dispunham da mesma riqueza de material bibliográfico, nem de igual facilidade de acesso que uma coleção concentrada em um único local proporcionaria, o que, em última análise, facilitaria e promoveria uma crítica textual mais metódica e rigorosa. Isso, contudo, e no caso específico de Homero, não desqualifica a atividade de “editores” como Antímaco de Cólofão (final do séc. V) e de Eurípides (séc. V, mas não o tragediógrafo¹⁶), nem as “edições” de diversas cidades como Massília, Sínope, Quios, Chipre, Creta ou das regiões da Argólida e da Eólida.

¹³ Veja mais abaixo o caso das cópias licurgianas.

¹⁴ Veja Susemihl, 1891, p. 1 *et seq.*

¹⁵ *Epid.* 17a.606.5-14, “ἔνιοι δὲ παρ<εγγεγραμμένον τὸ βιβλίον> αὐτὸν ἐκ <Παμφυλίας> κεκομικέναι, φιλότιμον δὲ περὶ βιβλία τὸν <τό>τε βασιλέα τῆς <Αἰγύπτου Πτολεμαῖον> οὕτω γενέσθαι φασίν, ὡς καὶ τῶν καταπλεόντων ἀπάντων τὰ βιβλία κελεύσαι πρὸς αὐτὸν κομίζεσθαι καὶ ταῦτ' εἰς καινοὺς χάρτας γράψαντα διδόναι μὲν τὰ γραφέντα τοῖς δεσπótαις, ὧν καταπλευσάντων ἐκομίσθησαν αἱ βίβλοι πρὸς αὐτόν, εἰς δὲ τὰς βιβλιοθήκας ἀποτίθεσθαι τὰ κομισθέντα, καὶ εἶναι τὴν ἐπιγραφὴν αὐτοῖς <Τῶν ἐκπλοίων>”.

¹⁶ Suda, E 3694 (*s.v.* Εὐριπίδης) e Eust. *Commentarii*, B 265.

Pelo contrário, isso mostra como, a partir de um determinado momento, os gregos começaram a responder à tensão que se estabelecia entre diferentes versões epicóricas de textos que, por exibir um apelo pan-helênico, eram tomados até então como uniformes, muito embora não o fossem: suas discrepâncias apenas se diluíam na imaterialidade de sua transmissão, que era, até então, bastante independente da escrita.

Com o intercâmbio de cópias de textos entre cidades e indivíduos, no entanto, as diferenças provavelmente começaram a se tornar aparentes e, conseqüentemente, pode ter havido uma reação contra aquilo que era percebido como um fator desagregador do “texto original” do poeta. Essa reação deu-se através de uma tentativa de se preservar uma determinada versão regional (que ademais seria tomada como “original”) do aporte de material trazido por cópias provenientes de outras regiões, o que foi feito tanto por meio da correção (διόρθωσις) dessas últimas, para adequá-las ao cânon, quanto eliminando-se desvios aí percebidos como intrusões, que seriam, contudo, o que hoje reconhecemos como meras flutuações comuns a uma tradição oral diversa, texturizada e multifocal. É importante ressaltar, no entanto, que esse processo, por se dar num âmbito regional, provavelmente mantinha o *status* canônico da versão epicórica, à qual as possíveis versões alienígenas tinham que se adequar ao entrarem em sua zona de influência, o que seria suficiente para preservar diferentes tradições locais intactas.

Em Alexandria, ao contrário, todas essas vertentes convergiram sob a influência de um único centro gravitacional que, para o bem ou para o mal, as fez desaparecer. Sob o olhar crítico e uniformizador dos alexandrinos, foi-se produzindo, através de um longo processo de διορθώσεις (lit. “retificações”) sucessivas, uma única versão que incorporou as “melhores leituras” de diferentes vertentes, mas que, por isso mesmo, já não mais representava nenhuma.

Uma exceção a essa atividade livreira descentralizada, comum na era que antecede a formação da Biblioteca, poderia ocorrer apenas sob condições propícias ao cotejamento e comparação de textos, ou seja, somente na presença de uma grande coleção de livros, pública ou particular.¹⁷ É exatamente isso que encontramos em Atenas por volta do ano 335/4, quando Aristóteles volta para a cidade acompanhado de Teofrasto, após passar cerca de oito anos em Mieza como tutor de Alexandre.¹⁸ Naquela cidade, ele funda o Liceu e dá continuidade às suas pesquisas filológicas, provavelmente ajudado por seus alunos no cotejamento, coleta e cópia das fontes. É preciso ressaltar que, embora sua atividade filológica tenha sido eclipsada pela sua reputação como filósofo, ela nem por isso deixou de ter um papel central na construção de suas teorias, na medida

¹⁷ É importante lembrar que havia centros de comércio livreiro e bibliotecas importantes antes de Alexandria, como, por exemplo, em Rodas, Cós, Samos e Pela.

¹⁸ Que nessa época já tinha cerca de 15 anos, D. L. 5.9.5 *et seq.* onde é citado (5.9.11) seu testamento.

em que assegurava textos confiáveis em que sua argumentação pudesse se basear.¹⁹ Isso fica evidente se lembrarmos, por exemplo, que por trás de sua teoria política está um acervo de cerca de 158 πολιτείας, ou “constituições”, das mais diversas regiões do mundo antigo, das quais nos restaram apenas fragmentos da *Constituição dos Atenienses*.

Da mesma forma que seus antecessores, Aristóteles também se dedicou aos problemas apresentados pelos textos homéricos, dos quais provavelmente deveria possuir outras cópias, além da versão ática²⁰, afinal sua fama de leitor voraz²¹ e de um grande colecionador de livros, como vimos pela passagem de Estrabão aludida acima, já se tornara proverbial. É possivelmente baseado nesse acervo que escreve os seis livros dos Ἀπορήματα Ὀμηρικά²², que não foram preservados, exceto de modo indireto, pela influência que exerceu em outros comentadores, como Porfírio (III d.C.), que cita cerca de 38 fragmentos em suas Ὀμηρικὰ Ζητήματα.²³

Sabemos ainda que sua produção teórica no campo da filologia homérica foi posta em prática a serviço de seu pupilo, Alexandre, célebre por ser um obcecado pela leitura (φιλιανγνωστής²⁴), erudito (φιλόλογος) e nerd convicto (φιλομαθής). Para ele, Aristóteles teria produzido uma versão corrigida (διόρθωσις) da *Ilíada*²⁵, a famosa cópia “da arca” (ἐκ τοῦ νάρθηκος)²⁶, posteriormente perdida²⁷ e sobre cuja natureza a crítica diverge grandemente. Não há, porém, argumentos contundentes que nos impeçam de ver nessa “correção” uma verdadeira “edição”, isto é, uma

¹⁹ Pfeiffer, 1976, p. 67: *Aristotle and his followers could not have achieved their immensely learned compilations if they had not accumulated as many writings of the past as they could get hold of.*

²⁰ Blum, 2011, p. 22.

²¹ Na *Vita Marciana* 7 (Düring) ficamos sabendo, por meio de uma anedota, que Aristóteles, durante seu noviciado junto a Platão, recebeu a alcunha de ἀναγνώστης, i.e., “escravo leitor”. Platão costumava dizer, “ἀπίωμεν εἰς τὴν τοῦ ἀναγνώστου οἰκίαν”. Sobre isto *vide* Blum, 2011, p. 70, n. 46, o que não deixa de denotar um certo preconceito ainda vigente contra a cultura do livro entre os acadêmicos.

²² D.L. 5.6.7. Blum, 2011, p. 22, n. 19, fala de dez, provavelmente referindo-se aos dez livros de Προβλήματα Ὀμηρικά mencionados na *Vita Hesychius*, 147, que, apesar da desconfiança de Pfeiffer, 1976, p. 69, n. 3, pode ser, na verdade, uma outra obra perdida.

²³ Pfeiffer, p. 69, n. 4, e Erbse, 1960, p. 17-77.

²⁴ Mesma fonte da n. 21.

²⁵ Era comum, ao que tudo indica, que os professores entregassem cópias corrigida para seus alunos, *cf.* Plu. *Alc.* 7.1-3.

²⁶ Pois fora depositada na arca em que Dario guardava seus unguentos. Plu. *Alex.* 8 “ἦν δὲ [sc. Ἀλέξανδρος] καὶ φύσει φιλόλογος καὶ φιλομαθής καὶ φιλιανγνωστής, καὶ τὴν μὲν Ἰλιάδα τῆς πολεμικῆς ἀρετῆς ἐφόδιον καὶ νομίζων καὶ ὀνομάζων, ἔλαβε μὲν Ἀριστοτέλους διορθώσαντος ἦν ἐκ τοῦ νάρθηκος καλοῦσιν, εἶχε δ' αἰεὶ μετὰ τοῦ ἐγχειριδίου κειμένην ὑπὸ τὸ προσκεφάλαιον, ὡς Ὀνησίκριτος ἱστορήκε (FGrH 134 F 38)-τῶν δ' ἄλλων βιβλίων οὐκ εὐπορῶν ἐν τοῖς ἄνω τόποις, Ἄρπαλον ἐκέλευσε πέμψαι, κάκεινος ἔπεμψεν αὐτῷ τὰς τε Φιλίστου βίβλους καὶ τῶν Εὐριπίδου καὶ Σοφοκλέους καὶ Αἰσχύλου τραγωδιῶν συχνάς, καὶ Τελέστου καὶ Φιλοξένου διθυράμβους.” *Vita Marciana* (cod. 257), fr.276a, (Περὶ Ποιητῶν, fr. 1.11.1-5, ed. V. Rose) “ἕως μὲν οὖν ἔτι νέος ἦν, τὴν τῶν ἐλευθέρων ἐπαιδεύετο παιδείαν, ὡς δηλοῖ τὰ γεγραμμένα αὐτῷ Ὀμηρικὰ ζητήματα καὶ ἡ τῆς Ἰλιάδος ἔκδοσις ἦν δέδωκε τῷ Ἀλεξάνδρῳ καὶ ὁ περὶ ποιητῶν διάλογος καὶ τὸ περὶ ποιητικῆς σύγγραμμα καὶ αἱ ῥητορικὰ τέχνηαι ...”.

²⁷ Muito provavelmente por isso jamais mencionada nos escólios à *Ilíada*, embora os Ἀπορήματα tenham sido usados frequentemente pelos alexandrinos, *cf.* *Fragmenta*, 149-9 (*Fragmenta Varia* no TLG, que é a ed. de V. Rose, 1886).

ἔκδοσις²⁸, embora Pfeiffer²⁹, mais recentemente, negue essa possibilidade, constrangido por uma definição muito rígida de “filologia”, que não caberia discutir aqui.³⁰ O que nos interessa de seu argumento, por outro lado, é que ele, mesmo admitindo a razoabilidade da história narrada por Plutarco, descarta a evidência de uma ἔκδοσις aristotélica sob a alegação de que nenhum dos alexandrinos a cita nos escólios à *Ilíada* e que, além disso (o que considera mais sério), essa edição não aparece nas listas das obras daquele filósofo, o que, a meu ver, constitui um argumento *ex silentio* que dificilmente pode se sustentar.

É preciso lembrar que nem todas as obras do período anterior à Biblioteca puderam ser salvas pelos alexandrinos da obliteração e que, portanto, esse terrível destino da *única* edição corrigida por Aristóteles para o uso privado de Alexandre não pode ser visto como singular³¹ e, daí, não deveria causar espécie que a *Ilíada* “aristotélica” possa ter desaparecido tão logo o rei tenha morrido em Susa. Adicionalmente, sua ausência das listas canônicas do filósofo poderia ser explicada pelo fato de que a edição “da arca” não pertencia a Aristóteles, mas a Alexandre, que a carregava para todo o lado, até que ela veio, em algum momento, a se perder, o que teria obviamente impedido que cópias fossem produzidas. Finalmente, o julgamento de Pfeiffer³² de que o trabalho de crítica textual realizado por Aristóteles restringir-se-ia a responder, de modo quase frívolo, a uma série de ataques de ὀμηρομάστιγες que o precederam, como Zoilo de Anfípolis, não se adequa nem à qualidade das obras supérstites do filósofo, nem à seriedade que lhe é característica no tratamento de questões importantes para a interpretação e o estabelecimento da fidedignidade do texto.

Foi Aristóteles, como relata o próprio Pfeiffer, que pôde provar (no uso provavelmente de sua imensa coleção de material bibliográfico³³) que o costume de se arrastar o corpo do assassino três vezes em volta do túmulo da vítima ainda era em seus dias praticado entre os Tessálios³⁴, rebatendo assim a censura de Platão (*Rep.* 319b) pela barbaridade cometida contra o corpo de Heitor (*Il.* 22). No campo da análise linguística, por outro lado, ele oferece uma explicação, à época plausível, para a difícil série de eventos desencadeada pela ira de Apolo, quando este, surpreendentemente, golpeia primeiro as mulas (ὄρεύς) do acampamento grego, propondo que, neste passo, talvez o poeta estivesse

²⁸ Como, aliás, ela é chamada na *Vita Marciana*, fr. 11, “ἡ τῆς Ἰλιάδος ἔκδοσις ἣν δέδωκε τῷ Ἀλεξάνδρῳ”.

²⁹ Pfeiffer, 1976, p. 71.

³⁰ Para uma análise mais equilibrada, e uma resposta ao dogmatismo de Pfeiffer, cf. Blum, 2011, p. 14; 20–4; 65, n. 10; 69, n. 45.

³¹ Como aconteceu, de fato, com outra edição famosa dos poemas, a de Eurípides (*vide* n. 16), que, ao contrário da de Aristóteles, deveria ter sido copiada mais de uma vez. Blum, 2011, p. 69, n. 6: “it is deplorable that we know so little about the Homer edition of Euripides, because the Athenian version of the Homeric epics was apparently of great importance for their textual history”.

³² Pfeiffer, 1976, p. 70.

³³ *Idem*.

³⁴ Θεσσαλῶν πολιτεία, fr. 495–500.

usando a palavra “mulas” (ὄρεύς) na acepção dialetal (γλώττη) de “guardião” (οὐρέύς).³⁵ Ambas as análises não deixam nada devendo à prática alexandrina, quando não lhe são superiores e, talvez, justamente por isso, Dio Crisóstomo (séc. I/II d.C.) tenha louvado Aristóteles, em seu discurso sobre Homero³⁶, como a origem da κριτικὴ καὶ γραμματικὴ (i.e., da filologia) que posteriormente se desenvolveria em Alexandria, posição, aliás, defendida também por outros teóricos modernos.³⁷

Além de Homero, Aristóteles pode ter produzido comentários sobre outros poetas, como Hesíodo, Arquíloco, Eurípides e, provavelmente, Píndaro. Temos fragmentos de um tratado perdido sobre os poetas, o Περὶ Ποιητῶν³⁸, escrito muito antes do mais famoso Περὶ Ποιητικῆς, a “nossa” *Poética*. Um outro tratado, o Περὶ Τραγωδιῶν, deveria lidar, como o próprio nome indica, com as tragédias dos dramaturgos atenienses, embora provavelmente incluísse, da mesma forma, uma história do gênero (como se deduz da pequena introdução na *Poética*), da vida de alguns dos principais poetas, uma cronologia e, possivelmente, comentários a algumas peças. Junte-se a isso uma série de compilações (ἀναγραφαί), entre as quais as mais relevantes para a nossa investigação seriam as Ὀλυμπιονίκαι³⁹, as Πυθιονίκαι⁴⁰ e as Διδασκαλίας⁴¹, que contariam com listas (πίνακες) de vencedores em ordem cronológica, a partir de 776, nos principais jogos homônimos e nas competições teatrais das Grandes Dionísias, no caso das Διδασκαλίας.

Seria desnecessário enfatizar a importância de suas πίνακες para toda a filologia posterior, uma vez que tanto os escólios pindáricos como diversas outras obras importantes da Antiguidade basearam-se extensivamente nesses tratados, e foi em grande medida por causa deles que uma cronologia exata e confiável nos pôde ser transmitida, já que foi Aristóteles, por exemplo, que

³⁵ Arist. *Po.* 1461a9-10: “τὰ δὲ πρὸς τὴν λέξιν ὀρέωντα δεῖ διαλύειν, οἷον γλώττη τὸ “οὐρήας μὲν πρῶτον”. ἴσως γὰρ οὐ τοὺς ἡμιόνους λέγει ἀλλὰ τοὺς φύλακας.

³⁶ D. Chr. *Or.* 53.1-11: “οὐ μόνον Ἀρίσταρχος καὶ Κράτης καὶ ἕτεροι πλείους τῶν ὕστερον γραμματικῶν κληθέντων, πρότερον δὲ κριτικῶν. καὶ δὴ καὶ αὐτὸς Ἀριστοτέλης, ἅφ' οὗ φασι τὴν κριτικὴν τε καὶ γραμματικὴν ἀρχὴν λαβεῖν, ἐν πολλοῖς διαλόγοις περὶ τοῦ ποιητοῦ διέξεισι, θαυμάζων αὐτὸν ὡς τὸ πολὺ καὶ τιμῶν, ἔτι δὲ Ἡρακλείδης ὁ Ποντικός”.

³⁷ Como, e.g., L. Ulrichs, W. Jaeger, F. Mehmél etc. segundo Pfeiffer, 1976, p. 67.

³⁸ Como se pode interpretar dos fr. da *Vita Marciana (Fragmenta)*, 1.11.1: “ὡς δηλοῖ (...) καὶ ὁ περὶ ποιητῶν διάλογος καὶ τὸ περὶ ποιητικῆς σύγγραμμα καὶ αἱ ῥητορικὰ τέχνηαι...” e 1.11.5 “ὡς δηλοῖ τὰ γεγραμμένα αὐτῶ περὶ ποιητικῶν καὶ πρὸς ποιητάς”.

³⁹ Das quais existem seis fragmentos, segundo Christensen, 2007, p. 165 *et seq.*: IG II2 2326; Σ Pi. N. 3 27a. 3-4 (FGH F261); Σ Theoc. 4.6 (FGH F262); D.L. 8.51-2 (FGH F263); Σ Pi. O. 7 (FGH F264); Arist. *Pol.* 1339a 1-5 (FGH F264); Σ Pi. O. 9 86e (FGH F118) e, talvez, EM 426.10.

⁴⁰ Mais especificamente Ἡ τῶν Πυθιονικῶν Ἀναγραφή, composta com a ajuda de seu sobrinho, Calístenes e, de fato, mais do que uma mera lista, já que contava com quatro livros, dos quais o primeiro (Πυθιονίκαι Μουσικῆς) era um relato das disputas musicais e, talvez, uma lista de vencedores; o segundo livro (Πυθικός) lidava com a história do festival, um pequeno relato da Primeira Guerra Sagrada e um resumo do desenvolvimento do programa de competições; o terceiro livro (Πυθιονικὸν Ἐλεγχοί) era mais propriamente uma tabela que continha o catálogo dos vencedores nos jogos hípicas e na ginástica, começando com a reorganização dos jogos Píticos em 586 até o ano de 330. As fontes, que são diversas, foram reunidas por Christensen, 2007, que apresenta, além disso, muitas outras informações relevantes sobre o tema.

⁴¹ Blum, 2011, p. 24 *et seq.*, trata detalhadamente da questão e apresenta uma bibliografia seleta sobre o tema.

numerou as séries olímpicas da maneira como as contamos atualmente.⁴² Devido à importância de seu trabalho, os Anfictiones, na segunda metade do séc. IV, emitiram um decreto⁴³ premiando-o com uma coroa e uma quantia em dinheiro por seu trabalho com as Πυθιονίκαί, além de providenciarem para que estas fossem gravadas na pedra e anexadas ao santuário, donde, mais tarde, foram copiadas para papiros e puderam chegar em Alexandria.

Ainda, no que tange às Διδασκαλίαι, vemos que seu trabalho foi crucial tanto para a filologia de sua época quanto para a alexandrina, já que, como ressalta Blum⁴⁴, não só essa compilação reunia uma quantidade imensa de informações sobre a história literária das competições trágicas em Atenas mas, principalmente, porque permitia aos estudiosos tirar conclusões importantes sobre as obras e as vidas dos poetas bem como separar aquelas espúrias das legítimas: quando uma determinada peça não constava na lista de obras de um autor como compiladas na lista aristotélica, podiam-se levantar sérias dúvidas sobre a autenticidade da mesma. Seu trabalho provavelmente deve ter servido a Licurgo, seu colega na Academia, quando este, ascendendo ao cargo de administrador (ταμίης) das finanças públicas de Atenas em 338–26, decide levar adiante uma série de reformas que tinham por objetivo restaurar o Teatro de Dioniso à sua antiga glória. Uma parte dessas reformas passava pelo estabelecimento de uma cópia oficial das tragédias de Sófocles, Ésquilo e Eurípidés (cujas estátuas em bronze ele, aliás, mandou erigir) a ser depositada em um arquivo público⁴⁵ em Atenas, visto que o texto de algumas já se tornara, em muitos casos, irreconhecível devido às inúmeras modificações pontuais introduzidas pelos atores a cada *reperformance*, bem como em virtude de cópias de péssima qualidade em circulação.

A partir de então, os atores ficaram proibidos de usar textos corruptos⁴⁶ em suas apresentações. É plausível supor-se que, se uma cópia oficial era necessária, isso poderia significar que não havia nenhuma depositada pelos próprios poetas nos arquivos de Atenas e que, dessa forma, seria preciso, em primeiro lugar, estabelecer um texto aceitável, algo para o que Aristóteles, tendo conduzido estudos literários sobre os tragediógrafos, era a pessoa mais indicada para fazer. Ao que tudo indica, aliás, o prestígio dessas cópias era tamanho que um dos Ptolomeus (não se tem certeza se Ptolomeu II “Filadelfo” ou III “Euergetes”), após ter solicitado o empréstimo das mesmas mediante um seguro

⁴² Como é possível se supor por meio da evidência de que ele teria feito o mesmo para os jogos Píticos, segundo a argumentação de Christensen, 2007, p. 172–3, que me parece convincente, *cf.* também a nota 28. Mais tarde Eratóstenes (c. 285) irá refinar o sistema por dividir cada πενταητερίς em quatro anos consecutivos.

⁴³ Recuperado em 1895 em uma escavação em Delfos, SIG³ 275. Também Christensen, 2007, p. 181–2, com uma tradução.

⁴⁴ Blum, 2011, p. 41–2.

⁴⁵ A interpretação mais aceita para o ἐν κοινῷ, do texto plutarquiano, *cf.* Prauscello, p. 70 n. 21.

⁴⁶ Plu. *Lyc.* 841F 4–12, “εἰσήνεγκε δὲ καὶ νόμους, τὸν μὲν περὶ τῶν κωμῶδων, ἀγῶνα τοῖς Χύτροις ἐπιτελεῖν ἐφάμιλλον ἐν τῷ θεάτρῳ καὶ τὸν νικήσαντα εἰς ἄστυ καταλέγεσθαι, πρότερον οὐκ ἔξόν, ἀναλαμβάνων τὸν ἀγῶνα ἐκλελοιπότα· τὸν δέ, ὡς χαλκᾶς εἰκόνας ἀναθεῖναι τῶν ποιητῶν, Αἰσχύλου Σοφοκλέους Εὐριπίδου, καὶ τὰς τραγωδίας αὐτῶν ἐν κοινῷ γραφάμενους φυλάττειν καὶ τὸν τῆς πόλεως γραμματεῖα παραναγινώσκειν τοῖς ὑποκρινομένοις· οὐκ ἔξεῖναι γὰρ <παρ> αὐτὰς ὑποκρίνεσθαι”.

de 15 talentos (~395 kg)⁴⁷ de prata, a fim de que se realizassem cópias em Alexandria, preferiu renunciar ao prêmio do seguro, permanecendo assim com os originais e devolvendo as cópias aos atenienses.⁴⁸

2. O destino da biblioteca de Aristóteles

Aristóteles morre em 322, ano em que Ptolomeu I “Sóter” (c. 354/48–283), torna-se sátrapa (322) e, posteriormente (305), rei do Egito. É plausível que este, tendo sido amigo de infância de Alexandre e, talvez, seu colega de instrução sob a tutela de Aristóteles, partilhasse de igual bibliofilia. Dessa forma, provavelmente logo após se tornar rei, deve ter tentado assegurar para seu filho, o futuro rei Ptolomeu II “Filadelfo” (309–246), uma educação semelhante, ao convidar, sem sucesso, Teofrasto, o herdeiro de Aristóteles, para a corte do Egito.⁴⁹ Consegue, no entanto, trazer, entre outros eruditos importantes de sua época, o historiador Hecateu de Abdera (ou de Teos), Teodoro de Cirene, o poeta e filólogo Fileta de Cós e Estratão de Abdera, discípulo de Teofrasto. Sob a responsabilidade desses dois últimos, coloca a educação de seu sucessor.

Finalmente, em 295 chega à sua corte, em busca de asilo político, o recém destituído general de Atenas, Demétrio de Faleros, o principal discípulo de Teofrasto e um dos mais prolíficos peripatéticos.⁵⁰ Será a ele e a Ptolomeu I que se atribuirá, tradicionalmente, a iniciativa de se criar uma coleção de livros em Alexandria⁵¹ e, embora essa atribuição nos pareça plausível, é preciso acautelarmo-nos contra qualquer certeza, já que se sabe muito pouco sobre esse período de

⁴⁷ Algo em torno de R\$ 1.6–2 milhões, em valores de 2021. Porém, a “cotação” da prata, na época, deveria ser muito mais alta, devido à dificuldade de extração e logística de distribuição e é possível que o preço equivalente pago tenha sido muito mais alto.

⁴⁸ Gal. *Epid.* III 17a.607.5–13.

⁴⁹ D. L. 5:37. Além de Estilpão de Mégara e o poeta cômico Menandro, cf. Susemihl, 1891, p. 6, e Sandys 1903, p. 105 *et. seq.*

⁵⁰ General em Atenas de 317–307, como procurador de Cassandro. Sobre sua produção literária, cf. D. L. 5.80. Foi por meio de sua influência que Teofrasto pôde comprar o terreno em Atenas onde se construiria o “templo das Musas” (já que nem ele nem Aristóteles eram cidadãos atenienses). É possível que seus escritos estivessem ancorados em uma coleção pessoal de livros diretamente proporcional. Não sabemos, no entanto, se ele teria tido tempo de transportar seus livros para o Egito durante a fuga (presumivelmente) apressada de Atenas, onde, aliás, foi condenado à morte *in absentia*. Em Alexandria, no entanto, iria ascender à posição de melhor amigo do rei, “πρῶτος ὄν τῶν Πτολεμαίου”, Plu. *Moralia*, fr. 601F (*De Exilio*), até ser expulso novamente por seu filho, Ptolomeu II “Filadelfo”, c. 283, por ter aconselhado seu pai a preterir-lo em favor do filho de Eurídice, sua terceira esposa. Morre algum tempo depois vitimado acidentalmente pela picada de uma víbora (D.L. 5.78).

⁵¹ Os dois testemunhos invocados por Pfeiffer, 1976, p. 96 *et seq.*, são a passagem em Plut. *Moralia* (*Non posse...*, 1095D, ed. R. Westman), “Πτολεμαῖος ὁ πρῶτος συναγαγὼν τὸ μουσεῖον (...)”, e Eus. *Hist. Ecc.* 5.8.11, sobre a história da tradução da Septuaginta. Com relação ao primeiro, é preciso notar que a identidade estabelecida entre Ptolomeu I e o Ptolomeu da passagem não é automática (como o próprio Pfeiffer dá a entender na p. 99) e deve ser tomada com cautela. A data da obra de Eusébio, por outro lado, é tardia (IV séc. d.C.), o que o coloca sob suspeita de contaminação, *viz.*, “Carta de Aristeas” (mais abaixo). Cf., ainda, a opinião de Susemihl, 1891, p. 135, n. 18, sobre o assunto.

formação da Biblioteca, e as fontes são mormente confusas e contraditórias no que diz respeito aos seus possíveis idealizadores.

O protagonismo de Demétrio de Faleros, por exemplo, é mencionado explicitamente apenas em duas fontes importantes, a famosa *Carta de Aristeas*, datada do séc. II, e claramente pseudoepigráfica⁵², e o *Prólogo* de Tzetzes às comédias de Aristófanes⁵³. Em ambos os casos, no entanto, fica evidente, por meio do contexto, que o rei a que a Carta faz referência é, na verdade, Ptolomeu II “Filadelfo”⁵⁴, enquanto o do *Prólogo* é Ptolomeu III “Euergetes”, contradições irreconciliáveis, já que sabemos que, por um lado, à época de Ptolomeu II, Demétrio teria sido exilado de Alexandria, ao passo que já estaria morto por ocasião do reinado de “Euergetes”.⁵⁵ De qualquer maneira, é possível supor que, quando Ptolomeu I funda o Museu, já houvesse algum tipo de acervo bibliográfico em Alexandria⁵⁶ ou até mesmo planos para se construir uma biblioteca, que, ademais, seria necessária para a própria atividade dos eruditos congregados no Egito, muitos deles discípulos de Aristóteles, para quem a atividade filosófica estava intimamente ligada à sua, agora já proverbial, coleção de livros.

A influência peripatética em Alexandria, conseqüentemente, salta aos olhos, e está presente não apenas no desenho do edifício do Museu (que contava, inclusive, com um περίπτατος⁵⁷) mas também na sua concepção logística e, até mesmo, em seu nome, que faz lembrar imediatamente o templo das Musas em Atenas, a que Teofrasto alude em seu testamento.⁵⁸ Talvez aí esteja uma explicação razoável para o papel proeminente que a figura de Demétrio de Faleros tomou em todas as histórias sobre a Biblioteca: sua ligação com Aristóteles e com Ptolomeu II.

⁵² A versão da “carta” está em Eus. *PE* 8:2.1.1-3, mas é parafraseada, ainda, por Flávio Josefo em suas *Antiquitates Judaicae*, 12:12-13. Sobre os problemas de autenticidade da carta, cf., e.g., Gooding, 1963, p. 357-79 e Pfeiffer, 1976, 99-102.

⁵³ *Prooimium* II, 2.1 *et seq.* (Koster). A importância de Demétrio de Faleros parece ter sido favorecida, entre os modernos, pela autoridade de Wilamowitz, 1965, p. 291: “*es muss aber doch mit einem Worte darauf hingewiesen werden, dass Demetrius von Phaleron wie das peripatetische Museion in Athen so das universale in Alexandria gestiftet hat (...). Ptolomaioi und Demetrios bewiesen eben auch hier, ihr ganz bewunderungswürdiges organisatorisches Talent: aber der weltüberschattende baum der alexandrinischen Gelehrsamkeit ist doch nur ein reis von dem heiligen Ölbaume am Rosshügel zu Athen*”. Opinião ecoada por Susemihl, 1891, p. 16 *et seq.*; p. 135, e criticada por Pfeiffer, 1976, p. 99.

⁵⁴ Para uma discussão relativamente recente da “carta de Aristeas” e da referida passagem em Tzetzes, cf. Pfeiffer, 1976, p. 99-102.

⁵⁵ Detalhes em Pfeiffer, *ibidem* nota acima.

⁵⁶ Assim, R. Barns in Macleod, 2000, p. 63.

⁵⁷ Uma descrição importante do edifício é aquela de Estrabão, 17:1.8.16-21 “τῶν δὲ βασιλείων μέρος ἐστὶ καὶ τὸ Μουσεῖον, ἔχον περίπτατον καὶ ἐξέδραν καὶ οἶκον μέγαν ἐν ᾧ τὸ συσσίτιον τῶν μετεχόντων τοῦ Μουσείου φιλόλογων ἀνδρῶν. ἔστι δὲ τῇ συνόδῳ ταύτῃ καὶ χρήματα κοινὰ καὶ ἱερεὺς ὁ ἐπὶ τῷ Μουσείῳ τεταγμένος τότε μὲν ὑπὸ τῶν βασιλέων νῦν δ' ὑπὸ Καίσαρος”.

⁵⁸ D. L. 5.51.5-7: “πρῶτον μὲν [βούλομαι γενέσθαι] τὰ περὶ τὸ μουσεῖον καὶ τὰς θεὰς συντελεσθῆναι κἄν τι ἄλλο ἰσχὺν περὶ αὐτὰς ἐπικοσμηθῆναι πρὸς τὸ κάλλιον”. Cf. também Sandys, 1903, p. 106 e Pfeiffer, 1976, p. 97.

A bibliofilia de Ptolomeu II, como vimos, era proverbial. É, no entanto, o autor da epítome⁵⁹ dos *Sábios ao Jantar* que nos fornece a primeira pista de uma ligação entre o acervo da Biblioteca e a coleção de livros do filósofo. Ao louvar a erudição de Larênsio, um dos convivas do “jantar”, ele a compara com a de outros famosos colecionadores de livros como Polícrates, Pisístrato, Euclides, Nicócrates de Chipre, os reis de Pérgamo, Eurípides, Aristóteles e, finalmente, Ptolomeu II. Agora, segundo ele, este último teria comprado toda a famosa coleção de Aristóteles, já aumentada pelos livros de Teofrasto, do fiel depositário e sucessor deste último no Liceu, Neleu de Cépis, transportando-a para Alexandria junto com um carregamento de livros obtidos em Atenas e Rodes. No entanto, um pouco mais adiante somos surpreendidos pela informação contraditória de que Apelição de Teos (séc. I, capacho do então tirano de Atenas, Atenião), além de roubar diversos arquivos originais do Templo da Grande Mãe (Μητρῶον) para vender em outras cidades, teria adquirido todos os escritos dos peripatéticos para sua biblioteca pessoal.⁶⁰

É preciso, no entanto, complementar essa informação com a passagem em Estrabão (13.1.54) que nos diz que Neleu levou os livros de Aristóteles para sua cidade natal, Cépis, onde eles teriam sido passados como herança para seus descendentes que, por serem pessoas sem instrução (ἰδιῶται ἄνθρωποι), não os guardaram com o devido cuidado. Quando, porém, os reis da dinastia dos Atálidas, a quem Cépis estava subjugada, tentaram se apoderar do legado para o acervo da biblioteca de Pérgamo, a família de Neleu enterrou os manuscritos, a fim de escondê-los. Devido, porém, ao clima úmido da Mísia e às péssimas condições de armazenamento, os papiros acabaram sendo terrivelmente danificados pelo mofo, obliterando áreas extensas do texto. Foi somente várias gerações mais tarde que os descendentes de Neleu teriam concordado em vender os originais para Apelição que, sendo mais um bibliófilo do que um filólogo, teria produzido cópias deles, inserindo emendas de sua autoria a fim de recuperar as partes perdidas, com um resultado, porém, catastrófico. Foi da biblioteca deste último, então, que Sula, ao invadir e saquear a cidade no ano 83, os teria levado embora para Roma.⁶¹ Pelo que se deduz que aqueles livros comprados por Ptolomeu II a que

⁵⁹ Kaibel 1.4.1-41: “ἦν δέ, φησί, καὶ βιβλίων κτήσις αὐτῷ ἀρχαίων Ἑλληνικῶν τοσαύτη ὡς ὑπερβάλλειν πάντας τοὺς ἐπὶ συναγωγῇ τεθραυσμένους, Πολυκράτην τε τὸν Σάμιον καὶ Πεισιίστρατον τὸν Ἀθηναίων τυραννήσαντα Εὐκλείδην τε τὸν καὶ αὐτὸν Ἀθηναῖον καὶ Νικοκράτην τὸν Κύπριον ἔτι τε τοὺς Περγάμου βασιλέας Εὐριπίδην τε τὸν ποιητὴν Ἀριστοτέλην τε τὸν φιλόσοφον <καὶ Θεόφραστον> καὶ τὸν τὰ τούτων διατηρήσαντα βιβλία Νηλέα· παρ’ οὗ πάντα, φησί, πριάμενος ὁ ἡμεδαπὸς βασιλεὺς Πτολεμαῖος, Φιλάδελφος δὲ ἐπὶ κλην, μετὰ τῶν Ἀθήνηθεν καὶ τῶν ἀπὸ Ῥόδου εἰς τὴν καλὴν Ἀλεξάνδρειαν μετήγαγε”. A epítome é falsamente atribuída a Estácio (séc. 12 d.C.) v. Dickey, 2007, p. 23. “Teofrasto” é um *suppl.* de Wilamowitz, como se faz necessário em virtude da passagem em Estrabão 13.1.54.1-5, v. *sub.*

⁶⁰ Kaibel, 5.53.3-10: “ἐκπέμψας γοῦν εἰς τὴν νῆσον Ἀπελλικῶντα τὸν Τήιον, πολίτην δὲ Ἀθηναίων γενόμενον, ποικιλώτατόν τινα καὶ ἀψίκoron ζήσαντα βίον· ὅτε μὲν γὰρ ἐφιλοσόφει [καὶ] τὰ περιπατητικά, καὶ τὴν Ἀριστοτέλους βιβλιοθήκην καὶ ἄλλας συνηγόραζε συχνὰς (ἦν γὰρ πολυχρήματος) τὰ τ’ ἐκ τοῦ Μητρῶου τῶν παλαιῶν αὐτόγραφα ψηφισμάτων ὑφαιρούμενος ἐκτᾶτο καὶ ἐκ τῶν ἄλλων πόλεων εἴ τι παλαιὸν εἶη καὶ ἀπόθετον”.

⁶¹ Plu. *Sull.* 26.1.3.

o autor da epítome de Ateneu faz alusão só poderiam ter sido cópias dos originais, que acabaram tendo, apesar disso, um destino mais feliz que seus autógrafos.

Tudo isto considerado, parece-me plausível de se supor que, com base nesse cenário e nas evidências apresentadas, os livros de Píndaro, junto com os de outros poetas líricos gregos, tivessem chegado em Alexandria junto com o espólio de Aristóteles numa forma já previamente editada. Certamente seu mais famoso pupilo, Alexandre, o Grande, deve ter entrado em contato com as obras do poeta através de seu preceptor e, a julgar pela sua reação ao arrasar Tebas, mas deixar intacta apenas a casa do poeta⁶², sua admiração pelo mesmo e a sua intimidade com a obra de Píndaro deveriam ser enormes.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, A. A. D. **7ª Ode Olímpica de Píndaro: Tradução e Notas**. 2005. (Mestrado em Letras Clássicas). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BARBANTANI, S. 'Lyric in the Hellenistic period and beyond'. In: BUDELMANN, F. (Ed.) **The Cambridge Companion to Greek Lyric**. Cambridge, p. 297-318, 2009.
- BLUM, R.; WELLISCH, H. H. **Kallimachos: The Alexandrian Library and the Origins of Bibliography**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 2011.
- CHRISTENSEN, P. **Olympic victor lists and ancient Greek history**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- DICKEY, E. **Ancient Greek Scholarship**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. (Eds.). **The Cambridge History of Classical Literature: Volume 1, Greek Literature, Part 1, Early Greek Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- ERBSE, H. Beiträge zur Überlieferung der Iliasscholien. **Zetemata**, n. 24, p. 17-77, 1960.
- GOODING, D. W. Aristeas and Septuagint Origins: A Review of Recent Studies. **Vetus Testamentum**, v. 13, n. 4, p. 357-379, 1963.
- HERINGTON, J. **Poetry Into Drama: Early Tragedy and the Greek Poetic Tradition**. Berkeley/Los Angeles/ London: University of California Press, 1985.
- HUBBARD, T. K. The dissemination of Epinician lyric: pan-hellenism, reperformance, written texts. In: MACKIE, C. J. (Ed.). **Oral Performance and Its Context**. Leiden: Brill, 2004. cap. 4, p. 71-94. (Mnemosyne Bibliotheca Classica Batava Supplementum).
- IRIGOIN, J. **Histoire du Texte de Pindare**. Paris: Klincksieck, 1952.
- KNOX, B. M. W. Books and readers in the Greek world. In: KNOX, B. M. W. (Ed.). **The Cambridge History of Classical Literature: Volume 1, Greek Literature, Part 1, Early Greek Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-15, 1989.

⁶² D. Chr., 2.33.

- MACLEOD, R. M. **The Library of Alexandria: centre of learning in the ancient world.** London: I.B. Tauris, 2000.
- MONTANARI, F. (Ed.) **La philologie grecque.** Entretiens Hardt 40. Vandoeuvres–Geneva, 1994.
- MOST, G. W. **The Measures of Praise.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1985.
- PFEIFFER, R. **History of classical scholarship from 1300 to 1850.** Cambridge: Clarendon Press, 1976.
- PRAUSCELLO, L. **Singing Alexandria: music between practice and textual transmission.** Leiden: Brill, 2006.
- RICHARDSON, N. J. Aristotle and Hellenistic Scholarship. In: MONTANARI, F. (Ed.) **La philologie grecque.** Entretiens Hardt 40. Vandoeuvres–Geneva, p. 7-38, 1994.
- SANDYS, J. E. **A history of Classical Scholarship.** Oxford: Oxford University Press, 1903.
- SUSEMIHL, F. **Geschichte der griechischen Litteratur in der Alexandrinerzeit.** Berlin: B. G. Teubner, 1891.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. **Einleitung in die Griechische Tragödie.** Berlin: Weidmannsche Buchhandlung, 1907.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. **Antigonos von Karystos.** Berlin: Weidmann, 1965.

